

No segundo semestre de cada ano, as autoridades econômicas começam a fazer as contas, vendo quanto falta para equilibrar a balança comercial brasileira. E sempre falta muito.

Aí, o país inteiro se movimenta como uma aristocracia em decadência, procurando penhorar tudo o que tem de valor para manter o padrão de vida. Ou seja, o Brasil lança mão de todos os parques excedentes industriais e agropecuários para equilibrar a balança e sustentar seu ritmo de desenvolvimento.

Por esta época, o assunto "exportar" toma conta dos jornais econômicos e vira polêmica nacional. O governo lança mão de campanhas publicitárias como a antiga "exportar é o que importa" e financia feiras como a Brasil-Export 80. Os empresários, a favor ou contra, divulgam sua opinião em documentos como o recente "exportar ou sucumbir" da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, FIESP (dezembro de 80).

E os supermercadistas, o que tem a ver com isso tudo?

Nada, porque os supermercadistas não são empresários exportadores, nem fazendeiros e não podem mexer um dedo em prol da "penhora" nacional.

E tudo, porque é exatamente esse modelo político exportador, emaranhado de necessidades e fórmulas complicadas, que determina nossos índices de inflação, nossa alta do custo de vida, a falta de feijão nas gôndolas do auto-serviço, a falta de leite em pó, a campanha pró consumo de soja e até o índice de roubos dentro das lojas.

O supermercado, como todos os outros setores aparentemente desligados da exportação, está inserido no contexto econômico do país e, conseqüentemente, atrelado ao tal do modelo exportador. E uma das coisas que este modelo mais afeta é justamente o mercado interno e, em especial, o abastecimento. Por que?

Porque é através das exportações que pagamos nossa fome de ser um país industrializado e desenvolvido. Com as vendas externas, pagamos o know-how importado, as máquinas que não fabri-

EXPORTAÇÃO E SUPERMERCADO

Texto: Liana John

camos, enlatados de todo o tipo e contas absurdas, como a do petróleo. Só para que se tenha uma idéia, o petróleo que alimenta nossa indústria automobilística e nossa "aversão" por energias alternativas, antigamente custava apenas 8% de nossas exportações. Hoje, apesar de todo o castigo sobre o bolso do consumidor, engole nada menos que 50% de tudo o que vendemos lá fora.

Quer dizer, temos que vender mais e sempre mais para pagar as mesmas contas, os mesmos manufaturados e o mesmo petróleo. A política de substituição de importações substituiu apenas o uísque escocês por vodca nacional e o caviar por patê de fígado; e esqueceu de incentivar a indústria nacional de base, a tecnologia nacional, o uso de energia elétrica, os trens. Nossas mercadorias continuam andando de caminhão, a passo de know-how estrangeiro.

Mas esta já é outra história. O fato é que, para sobrevivermos, a cada ano precisamos exportar mais dólares. Isso significa, no campo, que as culturas de exportação são mais incentivadas que as de abastecimento interno, declarem o

que declararem os ministros (Ver matéria sobre abastecimento nesta edição).

Na indústria, a necessidade de entrada de mais dólares se reflete em vantagens e incentivos à exportação, com prejuízo, muitas vezes, para o mercado interno.

No supermercado, o direcionamento da agropecuária e da indústria para a exportação se traduz em filas e filas de feijão, carne, leite (em pó e in natura) e óleo, que volta e meia estão em falta.

Resumindo: o resultado de uma política exportadora de tantos anos acaba sendo um mercado interno frágil e distorcido, dependente de mercadorias ou maquinários estrangeiros. E ainda assim a balança comercial não consegue ser equilibrada!

Pior para os brasileiros, pior para seu ritmo de desenvolvimento e pior para sua economia interna, que depende tanto das exportações. Os credores internacionais não perdoam! Nem sabendo que é a manutenção do tal ritmo de desenvolvimento (determinado pelo modelo) que vai assegurar "o estímulo à absorção de mão-de-obra em atividades produtivas e manter o nível de emprego fora dos limites da recessão e da intranquilidade social", como diz o documento da FIESP, divulgado neste dezembro.

E, para os mais desavisados, é a "absorção da mão-de-obra em atividades produtivas" e o "nível de emprego fora dos limites da recessão" que vão manter abertas as portas de muito comércio por este Brasil nos próximos anos, através da manutenção do poder aquisitivo do consumidor médio.

Em outras palavras, aquela coisa tão distante como a exportação vai acabar na caixa do supermercado, fazendo até valer a pena pensar nela. Não é simples, mas parece claro.

8

